
Coincidência entre essência e aparência:
sobre a possibilidade de uma ontologia fenomenológica

*Coincidence between Essence and Appearance:
On the possibility of a phenomenological ontology*

DOI:10.12957/ek.2023.70377

Lucas Gonçalves Palmier de Almeida¹

Universidade Federal Fluminense (UFF)

lucaspalmier@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0001-6808-9433>

RESUMO

Jean-Paul Sartre foi um dos grandes nomes da filosofia francesa contemporânea que, no início do século XX, recebeu a influência da fenomenologia vinda da Alemanha nas figuras de Husserl e Heidegger. Nesse sentido, a obra sartriana mais conhecida é *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. O presente trabalho busca marcar o ponto nevrálgico que possibilitou Sartre, na sua recepção da fenomenologia na Introdução de *O Ser e o Nada*, construir uma ontologia fenomenológica e, com isso, evidenciar como é possível uma ontologia deste tipo. Para tanto, primeiramente, faremos uma recapitulação da trajetória sartriana a fim de compreender o que o levou às investigações ontológicas. Em seguida, evidenciaremos como a fenomenologia husserliana, recebida por Sartre, produziu uma coincidência entre aparência e essência, o que será fundamental para a ontologia proposta. Por fim, a partir do problema do ser da aparição, que surgirá a partir das análises anteriores, mostraremos como a ontologia, em Sartre, será compreendida enquanto uma descrição do fenômeno de ser, tal como ele se manifesta.

Palavras-chave: Sartre. Ontologia. Fenomenologia. Essência. Aparência.

ABSTRACT

Jean-Paul Sartre was one of the great names of contemporary french philosophy who, at the beginning of the 20th century, received the influence of phenomenology from Germany in the figures of Husserl and Heidegger. In this sense, the best-known Sartrean

¹ Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente cursa mestrado em Filosofia Contemporânea e Ética. Além disso, tem trabalhos em Filosofia da Educação.

work is *Being and Nothingness: an essay in phenomenological ontology*. The present work seeks to mark the neuralgic point that made it possible for Sartre, in his reception of phenomenology in the Introduction to *Being and Nothingness*, to build a phenomenological ontology and, with that, to show how an ontology of this type is possible. For that, first, we will make a recapitulation of the Sartrean trajectory in order to understand what led him to the ontological investigations. Next, we will show how the Husserlian phenomenology, received by Sartre, produced a coincidence between appearance and essence, which will be fundamental for the proposed ontology. Finally, starting from the problem of the being of the apparition, which will arise from the previous analyses, we will show how ontology, in Sartre, will be understood as a description of the phenomenon of being, as it manifests itself.

Keywords: Sartre. Ontology. Phenomenology. Essence. Appearance.

1. Introdução.

Se é verdade por um lado, que a *opus magna* de Jean-Paul Sartre é o “ensaio de ontologia fenomenológica” *O Ser e o Nada*, por outro lado também é verdade que essa não é sua primeira obra, tampouco a que o tornou um escritor célebre na França. Durante a década de 30, Sartre desenvolveu escritos de psicologia, nos quais, desde *A Transcendência do Ego*², a Fenomenologia sempre esteve presente com o pensamento de Edmund Husserl e, posteriormente, de Martin Heidegger.

Não se pretende aqui perfilar e destilar os motivos e as razões que levaram Sartre a passar da psicologia à fenomenologia³ ou à ontologia, mas compreender o como e o porquê da obra sartriana de 1943, *O Ser e o Nada*, carregar o subtítulo de “ensaio de ontologia fenomenológica”. Isso, entretanto, não nos impede de realizar um sobrevôo breve sobre a linha problemática que levou Sartre a abandonar seus escritos de psicologia a favor de uma ontologia, apoiados nos sempre excelentes comentários de Luiz Damon Santos Moutinho, a fim de compreender o estado do pensamento sartriano que o levará a produzir uma ontologia fenomenológica.

Em *A Imaginação*, obra de 1936 sobre o problema da imagem, parecia haver uma equivalência entre a *hýle* da consciência perceptiva e a *hýle* da consciência imaginativa, o que prejudicava a distinção entre os dois modos de consciência. Assim, parecia bastar distinguir a *hýle* de ambas para resolver o problema. Mas o problema não

² Escrito em 1934, mas publicado em 1936.

³ O que exigiria um outro tipo de trabalho. A respeito disso cf. MOUTINHO, L. D. S. Sartre: Passagem da Psicologia à Fenomenologia. *DISCURSO*, São Paulo, n. 23, p. 109-148, 1994.

só não é resolvido, como é agravado com a redução fenomenológica. Com o mundo em suspenso pela *epoché* husserliana, é excluída também a presença da coisa em si frente à consciência e, portanto, torna-se impossível distinguir a árvore percebida da árvore imaginada — ou seja, distinguir a árvore que percebo, aqui e agora, da árvore que imagino.

Esse elemento novo parece constituir-se aqui num problema a mais, pois agora a própria árvore, coisa do mundo, aparece como irreal: eis aqui a outra face do problema. Se a distinção das matérias resolve a questão da *hýle* da imagem mental, ela deixa intacto o problema do *nóema* da percepção no interior do plano fenomenológico. (MOUTINHO, 1995, p. 124)

No entanto, com a inclusão, no arsenal teórico sartriano, do conceito heideggeriano de ser-no-mundo, enquanto unidade sintética consciência-mundo, a redução fenomenológica, a suspensão do mundo, torna-se impossível, pois não há outro modo de ser para a consciência se não sendo-neste-mundo. Assim, o problema de *A Imaginação* se resolve na medida que essa redução é compreendida como um erro metodológico. Porém, essa solução ainda deixa em aberto a questão do *nóema*, ou do ser, e é precisamente por isso que, segundo Moutinho, Sartre sairá, em *O Ser e o Nada*, “em busca do ser”⁴:

Essa solução contudo não nos satisfaz: ela deixa em suspenso a questão da natureza do *nóema*, ou, em termos sartrianos, a questão da natureza do ser. Não é por outra razão, senão para resolver esse problema, que, já na Introdução de *O ser e o nada*, Sartre, qual um proustiano, parte “em busca do ser” perdido, e perdido por Husserl ao torná-lo um *irreal*. Essa busca consumará a definitiva ruptura com o antigo mestre. (MOUTINHO, 1995, p. 140)

Mas isso não responde a questão central do presente trabalho, a saber: por que, e como, a obra de Sartre, *O Ser e o Nada*, pode ser chamada de uma *ontologia fenomenológica*? À essa questão central, pode-se acrescentar: como é *possível* uma *ontologia fenomenológica*? E por que não se trata aqui, antes, de uma *fenomenologia* ontológica em vez de uma *ontologia* fenomenológica? É o que tentaremos expor a seguir.

Para isso, primeiramente veremos como se dá a redução dos dualismos tradicionais da filosofia pelo pensamento moderno, nas primeiras páginas da Introdução de *O Ser e o Nada*, e como a redução desses dualismos produzirá uma coincidência

⁴ Título da Introdução de *O Ser e o Nada*.

entre essência e aparência, e, conseqüentemente, levará Sartre ao problema do ser da aparição. Em seguida, veremos como Sartre resolve esse problema em termos de fenômeno de ser e ser do fenômeno, bem como esse último não passa ao primeiro, mas o fundamenta. Feita essas análises, seguindo os passos do próprio Sartre, veremos como uma ontologia fenomenológica é possível enquanto descrição não do ser do fenômeno (inacessível, como veremos), mas do fenômeno de ser.

Ao longo do artigo, além dos textos de Sartre e seus comentadores, lançaremos mão de alguns textos de Husserl e Heidegger a fim de validar os argumentos do artigo e do próprio Sartre, quando este se refere diretamente a seus “mestres”, apontando quando e onde são apresentadas todas as teses e definições fenomenológicas utilizadas como axiomas por Sartre. Dessa forma, respeitando a liberdade autoral e filosófica de Sartre, faz-se justiça com Husserl e Heidegger, mas também com Sartre.

2. A Queda de Todos (ou quase todos) os Dualismos.

Jean-Paul Sartre inicia *O Ser e o Nada* elogiando a tradição pelo feito considerável de ter reduzido o existente à série de aparições que o manifestam e também, com isso, uma diversa série de dualismo ao monismo do fenômeno. Não há mais, primeiramente, o dualismo que opõe o interior ao exterior. Não havendo uma “película externa” do objeto que esconde o seu interior e, conseqüentemente, sua verdadeira natureza, as aparições remetem a si mesmas e umas às outras, não mais à uma realidade oculta, verdadeira e inalcançável. A essência dos fenômenos não é uma realidade transcendente a eles, mas exatamente o conjunto de suas aparições:

A força, por exemplo, não é um conatus metafísico e de espécie desconhecida que se disfarçasse detrás de seus efeitos (acelerações, desvios etc.): é o conjunto desses efeitos. Analogamente, a corrente elétrica não tem um reverso secreto: não é mais que o conjunto das ações físico-químicas que a manifestam (eletrólise, incandescência de um filamento de carbono, deslocamento da agulha do galvanômetro etc.). Nenhuma dessas ações basta para revelá-la. Nem indica algo atrás dela: designa a si mesma e a série total. (SARTRE, 2015 [1943], p. 15 [11]).

Conseqüentemente, o dualismo entre ser e aparecer desaparece igualmente. A aparência passa a remeter a si mesma e às outras aparições, não a um ser oculto do existente. O próprio Husserl, no §46 da *Sexta Investigação*, a respeito do sentido restrito de percepção “sensível”, já dizia que:

[...] o objeto que, no ato da percepção, se constitui de modo *simples* é diretamente com-preendido ou ele próprio presente. Mas com isso queremos dizer o seguinte: o objeto é um objeto imediatamente dado, também no sentido de que, enquanto tal objeto, percebido com tal conteúdo objetual determinado, ele não se constitui nos atos relacionantes ou que ligam ou articulam de alguma outra maneira atos que são *fundados* em outros atos, que trazem outros objetos distintos à percepção. Na percepção, os objetos sensíveis estão aí num único grau de ato; eles não são submetidos à necessidade de terem que se constituir multirradialmente em atos de graus superior, os quais constituem seus objetos por meio de outros objetos que de per si já são constituídos em outros atos. (HUSSERL, 1975, §46, p. 117)

E, em seguida, no §47, que nessa percepção “[...] a coisa ‘exterior’ nos aparece de uma só vez, desde que sobre ela cai o nosso olhar. Sua maneira de deixar aparecer a coisa como presente é uma maneira simples, que não precisa do aparato de atos fundantes ou fundados.” (HUSSERL, 1975, §47, p. 118) Ou seja, a aparição, ela mesma, se dá imediatamente.

Desta feita, a aparência perde a característica negativa tradicionalmente atribuída a ela nas realidades numéricas e passa a ser pura positividade, uma vez que não esconde nem se opõe ao ser, mas, ao contrário, é sua própria medida. “Porque o ser de um existente é exatamente o que o existente aparenta.” (SARTRE, 2015 [1943], p. 16 [12]). Assim, Sartre apresenta o conceito de “fenômeno” segundo a Fenomenologia⁵. Fenômeno ou o relativo-absoluto. O fenômeno se mantém relativo porque pressupõe, essencialmente, alguém, ou melhor, uma subjetividade, a quem aparecer. Mantém-se absoluto, entretanto, porque: “O que o fenômeno é, é absolutamente, pois se revela *como é*” (SARTRE, 2015 [1943], p. 16 [12]). Sendo assim, o fenômeno pode ser dito um relativo-absoluto.

O dualismo entre potência e ato se extingue igualmente. Não há mais potencialidades ou alguma espécie de virtuosidade imanente, já que tudo está em ato ou em ação:

Recusamos a entender por ‘gênio’, por exemplo - no sentido em que se diz que Proust ‘tinha gênio’ ou ‘era’ um gênio - uma potência singular de produzir certas obras que não se esgotasse justamente na sua produção (SARTRE, 2015 [1943], p. 16 [12]).

⁵ Dirá Martin Heidegger: “Dentro da problemática de Kant, o que fenomenologicamente, se entende por fenômeno, pode-se elucidar, com ressalva das demais diferenças, através das seguintes palavras: o que já sempre se mostra nas manifestações, no fenômeno em sentido vulgar, de maneira prévia e concomitante, embora não temática, pode-se mostrar tematicamente. E o que assim se mostra em si mesmo (‘formas da intuição’) são fenômenos da fenomenologia.” (HEIDEGGER, 2005, §7, p. 61)

O gênio de Proust não é uma capacidade singular subjetiva de produzir obras, nem a sua obra considerada isoladamente, mas o conjunto das obras produzidas. Por fim, conseqüentemente, o dualismo entre essência e aparência também é rejeitado. “A aparência não esconde a essência, mas a revela: ela é a essência.” (SARTRE, 2015 [1943], p. 16 [12]) A essência de um existente não está mais oculta em seu interior, mas é a razão da série de aparições que manifestam esse existente. Notemos como Sartre, desde o ensaio de 1939 *Uma Ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade*, elogia Husserl por ter “restaurado” a essência às coisas:

Eis que essas famosas reações ‘subjetivas’ – ódio, amor, temor, simpatia – que boiavam na malcheirosa salmoura do Espírito de repente se desvencilham dele: são apenas maneiras de descobrir o mundo. São as coisas que subitamente se desvendam para nós como odiáveis, simpáticas, horríveis e amáveis. Constitui uma *propriedade* dessa máscara japonesa ser terrível – uma inesgotável e irreduzível propriedade que constitui sua própria natureza –, e não a soma de nossas reações subjetivas a um pedaço de madeira esculpida. Husserl reinstalou o horror e o encanto nas coisas. Ele nos restituiu o mundo dos artistas e dos profetas: assustador, hostil, perigoso, com portos seguros de dádiva e de amor. Ele limpou o terreno para um novo tratado das paixões que se inspiraria nesta verdade tão simples e tão profundamente desconhecida pelos nossos refinados: se amamos uma mulher, é porque ela é amável. Eis-nos libertados de Proust. (SARTRE, 2005, p. 57)

A essência, entretanto, como razão da série, é apenas uma ligação entre as aparências e, portanto, deve ser também uma aparência. Dirá Husserl:

Pode acontecer além disso que não nos contentemos com ‘um só olhar’ e que consideremos, antes, a coisa por todos os lados, num fluxo contínuo de percepção, tocando-a, por assim dizer, com os sentidos. Mas cada percepção singular desse fluxo já é uma percepção dessa coisa; vendo este livro aqui, de cima ou de baixo, de dentro ou de fora, vejo sempre este livro. É sempre uma mesma coisa que vejo, mesma, decerto, não no sentido meramente físico, mas conforme o próprio visar das percepções. Embora sobressaíam algumas determinações singulares, que mudam a cada passo, não é por meio de um ato abrangente, fundado em percepções isoladas, que a própria coisa, enquanto unidade percebida, se constitui essencialmente. (HUSSERL, 1975, §47, p. 119)

Logo, uma vez que, em Sartre, a essência é também aparição, é possível haver uma intuição da essência, como afirma Husserl⁶. “Assim, o ser fenomênico se manifesta,

⁶ “Essência” designou, *antes de mais nada*, aquilo que se encontra no ser próprio de um indivíduo como o que ele é. Mas cada um desses “o quê” ele é, pode ser “posto em ideia”. A intuição empírica ou individual pode ser convertida em *visão de essência (ideação)* — possibilidade que também não deve ser entendida como possibilidade empírica, mas como possibilidade de essência. O apreendido intuitivamente é então a essência *pura* correspondente ou *eidos*, seja este a categoria suprema, seja uma particularização dela, daí descendo até a plena concreção. (HUSSERL, 2006, §3, pp. 35-36)

manifesta tanto sua essência quanto sua aparência e não passa de série bem interligada dessas manifestações.” (SARTRE, 2015 [1943], p. 17 [13]).

Gerd Bornheim, porém, questiona:

Cifrada a questão em tais termos, parece impossível emprestar ao fenômeno assim compreendido uma dimensão ontológica; na melhor das hipóteses, o fenômeno poderia ser “estudado e descrito” em seu aparecer. E nesse plano, como reconhecer-lhe um teor ontológico? (BORNHEIM, 1971, p. 28)

Ora, é exatamente esse movimento de equivalência ou o que chamamos aqui de *coincidência* (co-incidência) entre essência e aparência que doa ao fenômeno essa dimensão ontológica. Essa coincidência entre essência e aparência, possibilitado pela fenomenologia e tão elogiado por Sartre nas primeiras páginas de *O Ser e o Nada*, que o permitirá, como veremos melhor mais adiante, produzir uma ontologia fenomenológica não enquanto uma mera ciência de *fatos*, mas enquanto uma ciência de *essências* nos termos do §7 de *Ideias I*:

O nexa (ele mesmo eidético) que ocorre entre objeto individual e essência, segundo o qual cada objeto individual tem uma composição eidética como *sua* essência, assim como, inversamente, a cada essência correspondem indivíduos possíveis que seriam suas singularizações fáticas, funda uma referência recíproca correspondente entre ciências de fato e ciências de essência. Há puras ciências de essência, como a lógica pura, a matemática pura, a pura doutrina do tempo, do espaço, do movimento etc. Todas elas são, em todos os passos do pensamento, inteiramente puras de quaisquer posições de fatos; ou, o que é equivalente, *nelas nenhuma experiência como experiência*, isto é, como efetividade, como consciência que apreende ou põe existência, *pode assumir a função de fundação*. Quando nelas a experiência é operante, ela não opera *enquanto* experiência. O geômetra que desenha suas figuras numa lousa executa traços de fato existentes na lousa existente. Mas tampouco quanto a execução física, a experiência daquilo que executa não é, enquanto experiência, *fundante* para sua visão e pensamento da essência geométrica. Por isso, é indiferente se ali ele alucina ou não, e se em vez de desenhar efetivamente, projeta suas linhas e construções num mundo de imaginação. [...]

E assim em todas as ciências eidéticas. É nos estados-de-essência apreensíveis em evidência imediata (por exemplo, em axiomas eidéticos) que se fundam estados-de-essência mediados, os quais se dão no pensamento evidente mediado, porém, segundo princípios inteira e imediatamente evidentes. *Todo passo de fundação mediada é, por conseguinte, apodítica e eideticamente necessário*. (HUSSERL, 2006, §7, pp. 42-43)

Podemos, ainda, ir mais além e afirmar, tomando a palavra de Alain Flajoliet, que a ideia de produzir uma ciência de essências (na ocasião, uma psicologia fenomenológica) sempre esteve presente em Sartre:

Nas três obras publicadas sobre a emoção e sobre a imaginação, emerge a ideia capital de que a psicologia empírica não trata senão de “fatos”, por

oposição à psicologia fenomenológica que trata de essências, Sartre explora manifestamente aqui a distinção husserliana [...] entre “ciências de fato” - ou ciências da natureza - (física, psico-física, ciências históricas, etc.), e “ciências de essência”, entre as quais, em um sentido eminente, a fenomenologia (ciência da essência da consciência). (FLAJOLIET, 2008, pp. 847-848)⁷

Enfim, o próprio Bornheim, em seguida, dirá:

Considerado em uma perspectiva negativa, o problema torna-se claro; Sartre quer evitar a cisão, de tipo kantiano, entre o ser e o fenômeno, e o subsequente abandono do fenômeno a si mesmo. Visto dessa maneira, o empenho de Sartre se justifica, pois se trata de uma concentração no finito, nisso que está aí, com a clara intenção de reconquistar para o fenômeno um estatuto ontológico.” (BORNHEIM, 1971, pp. 28-29)

Este progresso, entretanto, não significa a supressão de todos os dualismos. Ao contrário, estabeleceu-se, acusa Sartre, um novo dualismo: o dualismo do infinito e do finito. Evidentemente, os fenômenos não podem se dar em uma série de aparições finitas, uma vez que, ainda que apareçam através de uma única perspectiva, aparecem sempre a sujeitos em perpétua mudança, o que é suficiente para multiplicar os diversos pontos de vista sobre o fenômeno. Ademais, caso as aparições fossem finitas, as primeiras não poderiam aparecer do mesmo modo novamente, o que é absurdo. Ou então todas apareceriam de uma única vez, mas isso é ainda mais absurdo. Portanto, a série de aparições deve ser infinita. Nesse sentido, tal teoria do fenômeno substituiu a realidade da coisa pela objetividade do fenômeno e fundou tal objetividade em um recurso ao infinito. “A realidade desta taça consiste em que ela está aí e não é o que eu sou.” (SARTRE, 2015 [1943], p. 17 [13]) A aparição, considerada em si mesma, sem ligação com a série infinita, não é mais do que plenitude intuitiva e subjetiva, logo, finita. Para que o fenômeno se mostre transcendente, é preciso que o sujeito transcenda a aparição rumo à série infinita da qual esta faz parte: “veja” *O vermelho* através da sua impressão singular de vermelho⁸, ou seja, a razão da série:

⁷ Tradução nossa. Cf. o original: “Dans les trois œuvres publiées sur l’émotion et sur l’imagination, l’idée capitale émerge que la psychologie empirique ne traite que de « faits », par opposition à la psychologie phénoménologique qui traite d’« essences », Sartre exploitant manifestement ici la distinction husserlienne [...] entre « sciences du fait » - ou sciences de la nature - (physique, psycho-physique, sciences historiques, etc.), et « sciences de l’essence », parmi lesquelles, en un sens éminent, la phénoménologie (science de l’essence de la conscience). (FLAJOLIET, 2008, pp. 847-848)

⁸ Husserl utiliza o mesmo exemplo do vermelho geral e do vermelho da percepção singular, no §52 da *Sexta Investigação*, quando trata da distinção entre os atos de abstração e as intuições fundantes simples: “O *vermelho* e o *triângulo* da mera fantasia são especificamente os mesmos que o *vermelho* e o *triângulo* da percepção. A consciência da generalidade se edifica tão bem sobre o fundamento da percepção como sobre o da imaginação conforme e, caso seja edificada, o próprio geral — a *idéia vermelho*, a *idéia*

Poderíamos agora dar um certo peso a esta ipseidade, e dizer: a unidade é de fato a unidade da identificação. A intenção dos atos sucessivos vai-se recobrando continuamente, e é assim que se produz a unidade. Mas a unidade da identificação [...] não significa a mesma coisa que a unidade de um *ato* de identificação. Um ato visa algo, o ato da identificação visa, representa uma identidade. Ora, no nosso caso, uma identificação se perfaz, sem que nenhuma identidade seja visada. Decerto, o objeto visado nos diversos atos do fluxo contínuo de percepções é sempre o mesmo, e os atos são unidos por recobrimento; mas aquilo que é percebido neste fluxo, aquilo que nele se torna objetivo, é exclusivamente o objeto sensível, e nunca a sua identidade consigo mesmo. Só quando fazemos do fluxo de percepções o fundamento de um novo ato, só quando articulamos as percepções singulares e estabelecemos relações entre os seus objetos, é que a unidade da continuidade (isto é, a fusão por meio do recobrimento das intenções), vigente entre as percepções singulares, serve como ponto de apoio para a consciência da identidade; a própria identidade torna-se então *objetal*; o momento do recobrimento que liga os caracteres de ato serve agora como conteúdo representante-apreendido de uma nova percepção, que se fundamenta nas percepções singulares articuladas e nos leva até a consciência intencional: o que é percebido agora e o que foi percebido antes são uma mesma coisa. (HUSSERL, 1975, §47, p. 120)

O objeto, portanto, coloca, por princípio, como infinita a série de suas aparições, uma vez que estas têm a necessidade de serem transcendidas: “[...] a aparição, finita, indica-se a si própria em sua finitude, mas, ao mesmo tempo, para ser captada como *aparição-do-que-aparece*, exige ser ultrapassada até o infinito.” (SARTRE, 2015 [1943], p. 17 [13]) Este dualismo do infinito e do finito ou, como caracteriza Sartre, do “infinito no finito” substituirá o dualismo do ser e do aparecer. Dirá Husserl:

Certamente, à coisa, enquanto aparece com este ou aquele conteúdo, pertencem múltiplas propriedades constitutivas, uma parte das quais ‘entra, ela própria, na percepção’, ao passo que uma outra parte é simplesmente intencionada. Entretanto, não vivemos, de modo algum, todos os atos de percepção articulados que surgiriam se prestássemos atenção a todas as particularidades de coisa ou, mais exatamente, a todas as determinações do ‘lado voltado para nós’ ou se as tomássemos como objetos de *per si*. [...] o ato de percepção é constantemente uma unidade homogênea que apresenta o objeto de maneira simples e imediata. A unidade de percepção não surge, portanto, através de atos sintéticos próprios, como no caso em que somente a forma síntese, por meio dos atos fundados, pudesse dar às intenções parciais a unidade da relação ao objeto. (HUSSERL, 1975, §47, pp. 118-119)

A aparição do objeto é apenas um aspecto desse e tal aparição está totalmente dentro e totalmente fora deste objeto. Totalmente dentro porque manifesta-se nele e indica a si

triângulo — é com-preendida ou seja, intuído daquela mesma e única maneira, segundo a qual entre a imagem e o original não há diferenças.” (HUSSERL, 1975, §52, p. 128) Sobre o problema da imagem e da imaginação em Sartre cf. SARTRE, J.-P. A Imaginação. In: GUEDES, R. C.; FORTES, L. R. S.; JÚNIOR, B. P.; PESSANHA, J. A. M.; & STEIN, E. Col. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.; & SARTRE, J.-P. *O Imaginário*. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 1996.

mesmo como estrutura da aparição e razão da série; totalmente fora porque a série em si nunca aparecerá:

O que aparece (finito) é apenas uma das manifestações infinitas possíveis, de modo que o objeto se encontra totalmente dentro e ao mesmo tempo totalmente fora do aspecto que agora se mostra, e isso porque ele o transcende, mas também ali se encontra presente, não se constituindo, assim, como o númeno kantiano. (SOUZA, 2017, p. 153).

Entretanto, novamente um ser-que-não-aparece, a série de aparições, se opõe à aparência, a aparição ela mesma. Também nova "potência" surge: a potência do fenômeno de ser desenvolvido em uma série de aparições. Por fim, a essência separa-se da aparência novamente porque "[...] essência é o que deve poder ser manifestado por uma série de manifestações individuais." (SARTRE, 2015 [1943], p. 18 [14])

É dessa maneira que surge o problema do ser da aparição na investigação sartriana. Uma vez que a aparição não remete a um ser oculto por detrás dela, mas apenas a si mesma, "[...] a aparição não pode ser *sustentada* por outro ser além do seu [...]. Se a essência da aparição é um 'aparecer' que não se opõe a nenhum ser, eis aqui um verdadeiro problema: *o do ser desse aparecer*." (SARTRE, 2015 [1943], p. 18 [14]). Consequentemente, já que nenhum ser é remetido pela aparição, nenhum outro ser pode sustentar a aparição. A aparição deve, portanto, ter seu ser próprio. Eis a questão: qual é o ser desse aparecer?

3. O Fenômeno de Ser e o Ser do Fenômeno.

O fenômeno é aquilo que se manifesta⁹. O ser manifesta-se de alguma maneira, pois dele podemos falar e dele temos certa compreensão¹⁰, portanto, deve haver um

⁹ Nesse aspecto Sartre se afasta de Heidegger, pois, para esse último, os "[...] fenômenos *nunca* são manifestações, toda manifestação é que depende de um fenômeno." (HEIDEGGER, 2005, §7, p. 59)

¹⁰ É o que, em momentos diversos, Heidegger chama de "compreensão pré-ontológica do ser". No §2 de *Ser e Tempo*, por exemplo, diz: "Enquanto procura, o questionamento necessita de uma orientação prévia do procurado. Para isso, o sentido do ser já nos deve estar, de alguma maneira, disponível. Já se aludiu: nós nos movemos sempre numa compreensão do ser. É dela que brota a questão explícita de sentido do ser e a tendência para o seu conceito. Nós não *sabemos* o que diz 'ser'. Mas já quando perguntamos o que é 'ser' nós nos mantemos numa compreensão do 'é', sem que possamos fixar conceitualmente o que significa esse 'é'. Nós nem sequer conhecemos o horizonte em que poderíamos apreender e fixar-lhe o sentido. *Essa compreensão do ser vaga e mediana é um fato*." (HEIDEGGER, 2005, §2, p. 31) Em seguida, ao final do §4: "A questão do ser não é senão a radicalização de uma tendência ontológica essencial, própria da pre-sença, a saber, da compreensão pré-ontológica do ser." (HEIDEGGER, 2005, §4, p. 41) Por fim, no §5: "Em alguns acenos já se mostrou: pertence à pre-sença, como constituição ôntica, um ser pré-ontológico. A pre-sença é de tal modo que, sendo, realiza uma compreensão do ser."

fenômeno de ser possível de ser descrito, uma vez que é fenômeno. É neste momento que Sartre nos dirá que “[...] a ontologia será a descrição do fenômeno de ser tal como se manifesta [...]” (SARTRE, 2015 [1943], p. 19 [14]). Esta é, precisamente, a razão pela qual *O Ser e o Nada* é um “ensaio de *ontologia fenomenológica*”. Essa ontologia sartriana deve ser dita fenomenológica pois Sartre afirma que o papel da ontologia é exatamente descrever não diretamente o ser (inacessível), mas o fenômeno de ser (esse sim acessível), tal como esse se manifesta. Nas palavras de Thana Mara de Souza:

Assim, o fenômeno aponta para um ser, que não é distinto dele mesmo, mas que o ultrapassa (sendo a condição do próprio aparecer), de modo que, se não podemos atingir o ser em seus infinitos modos de doação, falamos dele ao falar do que aparece. (SOUZA, 2017. p. 151).

Entretanto, ainda cabe perguntar: o fenômeno de ser é idêntico ao ser do fenômeno? Ou seja, o ser que a mim se manifesta, aqui e agora, enquanto fenômeno, é idêntico ao ser dos outros fenômenos que se manifestam? Segundo Husserl, é sempre possível uma redução eidética, ou seja, é sempre possível ultrapassar o fenômeno concreto até sua essência¹¹. Para Heidegger, a “realidade humana” é ôntico-ontológica, o que quer dizer que é sempre possível ultrapassar o fenômeno até seu ser¹². Mas Sartre pergunta: “Transcender o existente rumo ao fenômeno de ser será verdadeiramente ultrapassá-lo para *seu ser*, tal como se ultrapassa o vermelho particular para *sua* essência?” (SARTRE, 2015 [1943], p. 19 [15]).

É sempre possível determinar a essência de um objeto através de suas qualidades, tal como o signo implica a significação. Como já visto, a essência não está

(HEIDEGGER, 2005, §5, p. 45) Também Husserl, no §44 da *Sexta Investigação*, aponta para esse modo de compreensão do ser: “[...] assim como um conceito qualquer [...] só pode ‘surgir’, isto é, só pode nos ser dados, ele próprio, se for fundamentado por um ato que põe diante dos nossos olhos, pelo menos em imagem, uma singularidade correspondente qualquer, da mesma forma, o conceito de ser só pode surgir quando algum ser é posto, efetivamente ou em imagem, diante dos nossos olhos. Se considerarmos o ser enquanto ser predicativo, um estado de coisas qualquer deverá então nos ser dado, e, naturalmente, por meio de um ato que o doe — ato que é análogo à intuição sensível comum.” (HUSSERL, 1975, §44, p. 114)

¹¹ Se dissemos que ‘por essência própria’ todo fato poderia ser diferente, com isso já exprimíamos *que faz parte do sentido de todo contingente ter justamente uma essência e, por conseguinte, um eidos a ser apreendido em sua pureza*, e ele se encontra sob *verdades de essência de diferentes níveis de generalidade*. (HUSSERL, 2006, §2, p. 35) Cf. também nota 5.

¹² Em consequência, a pre-sença possui um primado múltiplo frente a todos os outros entes: o primeiro é um primado *ôntico*: a pre-sença é um ente determinado em seu ser pela existência. O segundo é um primado ontológico: com base em sua determinação da existência, a pre-sença é em si mesmo ‘ontológica’. Pertence à pre-sença, de maneira igualmente originária, e enquanto constitutivo da compreensão da existência, uma compreensão do ser de todos os entes que não possuem o modo de ser da pre-sença. A pre-sença tem, por conseguinte, um terceiro primado que é a condição ôntico-ontológica da possibilidade de todas as ontologias. (HEIDEGGER, 2005, §4, p. 40)

escondida no “interior” do objeto, mas é o sentido de sua aparição. Entretanto, o ser de um objeto não é nem uma qualidade do objeto, nem seu sentido. O objeto não remete ao ser como se esse fosse sua significação, o objeto não possui o ser, tampouco participa nele. A única maneira de expressar sua maneira de ser, dirá Sartre, é dizer que o objeto é. Diz Joseph Fell:

Ser-em-si é pura existência entendida como *existentia*. Não pode ser uma coisa ou um conjunto de coisas. Tampouco pode estar escondido atrás das coisas na maneira do noumeno. É o ser *do* fenômeno: isto é, a pura existência, o puro “*aquilo* que é” das coisas. Essa é a reapropriação de Sartre da sentença de Heidegger segundo a qual “Ser é o ‘transcendens’ puro e simples.” (FELL, 1979, p. 72)¹³

O objeto não pode mascarar o ser, tampouco o desvela. Não mascara o ser porque seria inútil separá-lo de todas as suas qualidades para encontrar o ser escondido em seu interior. Além disso, o ser é o mesmo em todos os objetos. Não desvela pois não é possível apreender o ser através do objeto. O existente é fenômeno. “O ser é simplesmente a condição de todo desvelar: é ser-para-desvelar, e não ser desvelado.” (SARTRE, 2015 [1943], p. 19 [15]) Posso transcender o fenômeno-mesa ou fenômeno-cadeira a fim de descobrir o ser-mesa ou o ser-cadeira, mas, neste momento, desvio minha atenção do fenômeno-mesa, do fenômeno-cadeira, para o fenômeno-de-ser-mesa ou o fenômeno-de-ser-cadeira. Esse último, por sua vez, deixa de ser condição para desvelar e torna-se ele mesmo desvelado e, por conseguinte, necessita de um ser que seja condição de seu desvelar. Afirma Husserl:

[...] o ser na função atributiva e predicativa, não se preenche [...] em nenhuma percepção. [...] Posso ver a cor, mas não o ser-colorido. Posso sentir a maciez, mas não o ser-macio. Podemos ouvir o som, mas não o ser-sonoro. O ser não é nada *dentro* do objeto, nenhuma de suas partes, nenhum momento ele inerente, nenhuma qualidade ou intensidade, como também nenhuma figura, nem absolutamente nenhuma forma interna, nenhuma característica constitutiva, como quer que seja concebida. Mas o ser também não é nada de *aderente* ao objeto, assim como não é uma característica real interna, não é também uma característica real externa e por isso não é absolutamente nenhuma ‘característica’, no sentido de uma característica real. Pois o ser também não diz respeito às formas concretas de unidade que ligam objetos em objetos mais abrangentes, cores em figuras coloridas, sons em harmonias, coisas em coisas ou ordens de coisas mais abrangentes (jardim, rua, mundo exterior fenomenal). (HUSSLERL, 1975, §43, p. 111)

¹³ Tradução nossa. Cf. no original: “Being-in-itself is pure existence as such, *existentia*. It cannot be a thing or an ensemble of things. Neither can it be hidden behind things in the manner of the noumenon. It is the being *of* phenomena: that is, the pure *existentia*, the pure ‘*that it is*’ of things. This is the Sartre’s reapropriation of Heidegger’s assertion that ‘Being is the transcendens pure and simples.’ (FELL, 1979, p. 72)

Se o ser dos fenômenos, condição de desvelamento desses, não nos leva ao fenômeno de ser, e se “[...] não podemos *dizer* nada sobre o ser salvo consultando este fenômeno de ser [...]” (SARTRE, 2015 [1943], p. 20 [15]), Sartre deverá estabelecer a relação entre o ser dos fenômenos e o fenômeno de ser. Isto é possível ao considerar que todas as observações anteriores foram inspiradas pela “intuição reveladora do fenômeno de ser”:

Sem anular o ser do fenômeno mas também sem fazer dele um outro ser, oculto e invisível, Sartre o pensa como a condição mesma da possibilidade da manifestação atual, e com isso, nela presente. É por isso que a ontologia (discurso sobre o ser) se faz fenomenologicamente, a partir da descrição do próprio fenômeno. (SOUZA, 2017, p. 153).

Tendo em vista o ser como aparição (fenômeno de ser), não o ser como condição de desvelar (ser do fenômeno), conclui-se que o conhecimento não pode dar conta do ser do fenômeno, a intuição não é capaz de captar a razão da série de aparições. Nesse sentido, Sartre afirma que o fenômeno de ser é “ontológico”¹⁴, pois, enquanto fenômeno, exige um fundamento transfenomenal — o ser do fenômeno:

O fenômeno de ser exige a transfenomenalidade do ser. [...] As precedentes considerações presumem que o ser do fenômeno, embora coextensivo ao fenômeno, deve escapar à condição fenomênica - na qual alguma coisa só existe enquanto se revela - e que, em consequência, ultrapassa e fundamenta o conhecimento que dele se tem. (SARTRE, 2015 [1943], p. 20 [16]).

É nessa medida que Sartre, abandonando a primazia do conhecimento, supera a dicotomia moderna entre idealismo e realismo e, partindo do conceito husserliano de *intencionalidade*, segundo o qual “toda consciência é consciência *de* alguma coisa”, desenvolve uma filosofia da consciência imediata. Assim, dirá Sartre:

A consciência não é um modo particular de conhecimento, chamado sentido interno ou conhecimento de si: é a dimensão de ser transfenomenal do sujeito. Tentemos compreender melhor esta dimensão de ser. Dizíamos que a consciência é o ser cognoscente enquanto é e não enquanto é conhecido. Significa que convém abandonar a primazia do conhecimento, se quisermos fundamentá-lo. E, sem dúvida, a consciência pode conhecer e conhecer-se. Mas, em si mesma, ela é mais do que só conhecimento voltado para si. (SARTRE, 2015 [1943], p. 22 [17])

¹⁴ Tal como se entende, em Santo Anselmo e Descartes, uma prova ontológica.

Por fim, temos, de um lado, um ser transfenomenal dos fenômenos, e, de outro lado, um ser transfenomenal da consciência. A questão que se segue é: como se dá a relação entre essas duas regiões ontológicas? Mas isso exige outro trabalho.

4. Conclusão.

Vimos, portanto, porque e como a ontologia fenomenológica é entendida por Sartre na Introdução de *O Ser e o Nada* como descrição do fenômeno de ser tal como ele se manifesta. Para isso, tivemos que passar pela descrição das reduções dos dualismos clássicos pelo pensamento, um deles e o mais fundamental para nosso propósito, o dualismo entre essência e aparência, produziu uma coincidência entre ambos, possibilitando o desenvolvimento de uma ontologia fenomenológica, enquanto ciência de essências e não de fatos. A redução dos dualismos nos levou, junto com Sartre, ao problema do ser da aparição, que foi resolvido em termos de fenômeno de ser e ser do fenômeno. Vimos que deve haver um fenômeno de ser, posto que ele nos é dado de algum modo, mas, como todo fenômeno, deve ter um ser que o fundamente. Eis o ser do fenômeno. Inacessível pois, sendo condição de desvelar, não pode ele mesmo ser desvelado. Mas, como vimos, todo fenômeno se manifesta tal como é, o que significa que é possível falar do ser ao falar do fenômeno de ser. Assim, a ontologia fenomenológica é assegurada enquanto descrição do fenômeno de ser tal como ele se manifesta, único meio possível de acesso ao ser.

Em suma: a fenomenologia de Husserl, tão elogiada por Sartre na Introdução de *O Ser e o Nada* por ter reduzido uma série de dualismos ao monismo do fenômeno, produziu uma coincidência entre aparência e essência. Essa coincidência possibilitou uma intuição de essências, o que foi fundamental para que se produzisse uma *ontologia fenomenológica*, enquanto descrição do fenômeno de ser, tal como ele se manifesta. Portanto, nas palavras de Bento Prado Júnior, é tarefa da filosofia: “[...] passar da *ontologia fenomenológica* (onde predomina a visada do transfenomenal) à *ontologia fenomenológica* (onde predomina o fenomenal), para culminar em plena *ontologia fenomenológica* que é o *télos* de *O Ser e o Nada*.” (JÚNIOR, 2006, p. 32).

Referências bibliográficas

- BORNHEIM, G. *Sartre: Metafísica e Existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- FLAJOLIET, A. *La Première Philosophie de Sartre*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2008.
- FELL, J. P. *Heidegger and Sartre: An Essay on Being and Place*. New York: Columbia University Press, 1979.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- HUSSERL, E. *Ideias para uma Fenomenologia Pura*. 7. ed. Aparecida: Editora Ideias & Letras, 2006.
- HUSSERL, E. Investigações Lógicas: Sexta Investigação (Elementos de uma Elucidação Fenomenológica do Conhecimento). In: AGUILAR, N. A.; BARRETO, G. D.; BERLINCK, M. S. C.; LOPARIĆ, A. M. A.; & LOPARIĆ, Z. Col. *Os Pensadores: História das Grandes Ideias do Mundo Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- JÚNIOR, B. P. O Circuito da ipseidade e seu lugar em “O Ser e o Nada”. *doisPontos*, Curitiba, São Carlos, vol. 3, n. 2, p. 29-36, 2006.
- MOUTINHO, L. D. S. *Sartre: Psicologia e Fenomenologia*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MOUTINHO, L. D. S. Sartre: Passagem da Psicologia à Fenomenologia. *DISCURSO*, São Paulo, n. 23, p. 109-148, 1994.
- SARTRE, J.-P. A Imaginação. In: GUEDES, R. C.; FORTES, L. R. S.; JÚNIOR, B. P.; PESSANHA, J. A. M.; & STEIN, E. Col. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- SARTRE, J.-P. *L'Être et le Néant: Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard, 1943.
- SARTRE, J.-P. *O Imaginário*. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 1996.
- SARTRE, J.-P. *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- SARTRE, J.-P. “Uma Ideia Fundamental da Fenomenologia de Husserl: a Intencionalidade”. In: *Situações I*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- SOUZA, T. M. de. Tensão na Ontologia Fenomenológica de Sartre: ou o equilíbrio instável entre o primado da existência do mundo e o primado do sentido da consciência. *Revista de Ética e Filosofia Política (UFJF)*, v. 1 n. 20, p. 150-167, 2017.

Recebido em: 27/09/2022 | Aprovado em: 21/04/2023

